



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13782 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Macunaíma e a educação da infância brasileira

Elen Alves de Sousa - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

MACUNAÍMA E A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA BRASILEIRA

RESUMO

O presente resumo é fruto parcial da dissertação de mestrado que busca na obra literária *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter* de Mário de Andrade (1997) possibilidades para pensar a construção de uma educação brasileira que considere a formação social do país, bem como os desafios da educação contemporânea em uma perspectiva anticolonial e anticapitalista. Neste sentido, a ferramenta teórico-metodológica utilizada é o “nó frouxo” (SAFFIOTI, 2015) formado pela fusão das categorias estruturantes patriarcado-racismo-capitalismo, acrescento neste estudo o adultocentrismo. Apoiada nos aportes das Ciências Sociais e Pedagogia da Infância, a pesquisa é de cunho teórico. A bibliografia está, essencialmente, ancorada nas contribuições do pensamento de Heleieth Saffioti (2015), Davi Kopenawa (2023), Mário de Andrade (1997) e da ecologia de Karl Marx (FOSTER, 2014). O objetivo principal da pesquisa é investigar se há interlocuções entre a obra, o contexto educacional para as infâncias, os marcadores sociais da diferença, bem como os problemas presentes no cotidiano do povo brasileiro. Os resultados parciais apontam para a necessidade de se conectar educação à luta pela terra.

Palavras-chave: Nó Frouxo; Macunaíma; Adultocentrismo; Infâncias

INTRODUÇÃO

O presente estudo teórico, em andamento, está sendo elaborado por uma pessoa que pesquisa, que é docente das infâncias na comunidade da periferia urbana, onde também reside, e, busca uma relação entre a rapsódia “Macunaíma” e a educação das infâncias brasileiras, com vistas às contribuições das culturas não hegemônicas, como as das pessoas

quilombolas e dos povos originários, e da poesia nas lutas contra as desigualdades forjadas pelo capitalismo, que por sua vez está na fusão indissociável entre as opressões estruturantes patriarcado-racismo-capitalismo que Heleieth Saffioti (2015) denominou por teoria do “nó frouxo”, ferramenta metodológica que além de permitir perceber a desigualdade às diferenças, possibilita também a inserção de macro ou micro opressão, e aqui adiciono o adultocentrismo, encontrado na Pedagogia da infância (ROSEMBERG, 1976), na obra *Macunaíma* (ANDRADE, 1997) e também nas indicações de Saffioti (2015).

E neste movimento de busca, se vislumbra possibilidades de construção e discussão coletivas, sendo uma delas esta pesquisa, que intenciona como objetivo geral investigar as possibilidades de transpor a rapsódia *Macunaíma* para os pressupostos da educação, sublinhando as articulações sociais estruturantes patriarcado-racismo-capitalismo-adultocentrismo. Construindo um diálogo entre essas articulações e as problemáticas da ecologia (FOSTER, 2014) e da luta pela terra (KOPENAWA, 2023), causas dos povos indígenas e afro brasileiros racializados e empobrecidos.

METODOLOGIA

A ferramenta teórico-metodológica de pesquisa é o nó frouxo para se pensar as articulações das estruturas patriarcado-racismo-capitalismo-adultocentrismo, que pela sua constituição, estão fundidas e só poderão ser dissolvidas juntas (SAFFIOTI, 2015).

O aporte teórico está na obra literária *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter* (ANDRADE, 1997); na Pedagogia da Infância, Rosemberg (1976) entre outras referências, nas Ciências Sociais nas contribuições de vários estudos, inclusive os de Karl Marx para a ecologia (FOSTER, 2014) e pesquisas de nomes da intelectualidade negra e indígenas como o xamã Yanomami Davi Kopenawa (KOPENAWA, 2023).

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

As contribuições de Mário de Andrade para o estudo das infâncias – para uma possível transposição para a educação – principalmente as advindas dos grupos étnicos negro e indígena da região amazônica, são observáveis na obra *Macunaíma* quando o autor utilizou como protagonista o ser mitológico indígena “Makunaîmî”, transformando-o em “Macunaíma” e trazendo cosmovisões das duas culturas étnico-raciais, muito embora passíveis de críticas.

O autor traz o protagonista nascido negro, mãe indígena e transformado em branco no decorrer do enredo; mostrando de maneira simples a diversidade étnico-racial brasileira (povos indígena, negro e branco); nascido uma criança feia que é crescida através de sua avó que é uma cotia – não cresce naturalmente, é forçado a ser adulto – o que se pode abrir para a discussão do fato das pessoas adultas, com olhar colonizador, dizerem o que é da criança, quem é a criança, sem ouvir antes as suas linguagens, mas apenas aceitar como legítima a linguagem oral, na tentativa de reduzir suas linguagens e cercear suas ações criativas.

Macunaíma conversa com os animais humanos e não humanos na horizontalidade, demonstrando considerar a interdependência humana-não humana, ou seja, cultura-natureza, respectivamente. O que remete ao pensamento Yanomami, de que “a ecologia pode se tornar a etnografia unicamente afirmando o fim da divisão entre natureza e cultura e transformando a natureza num sistema de diferenças culturais” (COCCIA, 2023, p.11).

O povo Yanomami, é considerado um dos povos indígenas mais emblemáticos, somando aproximadamente 54 mil pessoas que ocupam 220 mil quilômetros quadrados de floresta tropical, situado dos lados da fronteira entre Brasil e Venezuela. Os 29 mil Yanomami do lado brasileiro vivem no extremo norte da Amazônia (ALBERT, 2023).

O xamã Yanomami Davi Kopenawa (2023) expõe que os brancos que estão em torno da terra deles são hostis, só querem a floresta para criação de gados e os rios para “catarem” ouro e nessa exploração destroem a natureza. Kopenawa ainda faz um alerta:

Quando os espíritos da chuva descem nas colinas e nas montanhas da floresta, a chuva cai. A terra refresca e a fumaça das epidemias vai embora. É assim. Se os *xapiri pë* [espíritos donos da natureza] estão longe no céu, sem ser chamados pelos xamãs, a floresta fica quente. As epidemias e os espíritos maléficos se aproximam. Os humanos, então, não param de adoecer.

[...] No entanto, os brancos não sabem nada disso. Pensam que a floresta é bela, fresca e ventilada sem motivo. Para nós, a “natureza” é *urihi a*, a terra-floresta, e os espíritos *xapiri pë* que *Omana a* [demiurgo Yanomami] nos deu. A floresta não existe sem motivo. Os espíritos vivem ali e *Omana a* quis que protejamos sua habitação. (KOPENAWA, 2023, p. 32)

Na rapsódia, enquanto o protagonista é conectado ao que podemos significar como “terra-floresta”, o antagonista Venceslau Pietro Pietra se comporta como um capitalista branco hostil.

“Daí que, por volta da década de 1860, ao escrever *O capital*, Marx já se havia convencido da natureza insustentável da agricultura capitalista” (FOSTER, 2014, p. 213), que há esgotamentos de minerais do solo e limite para fertilizar, pois os fertilizantes se tornam escassos.

Considerando a urgência de se pensar na *urihi a* versus patriarcado-racismo-capitalismo-adultocentrismo, essa pesquisa está indicando que é preciso olhar para compreender como os povos indígenas educam suas crianças, pois desde sempre estiveram numa educação levando em conta a terra-floresta e a voz das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos até então apontam para a necessidade de se pensar nossa educação, desde a educação infantil, escutando as culturas infantis, os povos originários e os grupos quilombolas que demonstram na coletividade usufruírem da articulação cultura-natureza. E que nesta fusão se possa dismantelar a fusão patriarcado-racismo-capitalismo-adultocentrismo.

Considerando a ecologia em seu valor vital, seja na compreensão da voz de Karl Marx através da ecologia material, que entende que a natureza é finita e que os recursos acabarão ou na voz do xamã Yanomami Davi Kopenawa, que alerta que a *urihi a* (terra-floresta) quer ser protegida e se não tiver xamãs para chamarem os *xapiri pë* (espíritos da floresta) os espíritos maléficos se aproximarão, deixando todas as pessoas doentes.

A natureza (que é também os povos da floresta) irá lutar para sobreviver e é possível que na disputa entre a agricultura capitalista e a natureza, a última vença. Assim parece apontar também, por esse pensamento, para a necessidade e urgência de se aliar às lutas indígenas e quilombolas pela terra, pois são estes povos que a protegem e nos ensinam como fazer isso.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O espírito da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma - o herói sem nenhum caráter**. Belo Horizonte: Villa Rica, 30ª ed., 1997.

COCCIA, Emanuele. Prefácio. In: ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O espírito da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. p. 11-22.

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

KOPENAWA, Davi. Urihi a. In: ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O espírito da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. p. 29-31.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação: para quem? **Ciência e Cultura**. São Paulo, n. 28, v. 12, p. 1467-1471, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abreu; Expressão Popular, 2015.